

O AFROEMPREENDEDORISMO:
SABER TRADICIONAL,
EMPODERAMENTO
E CONTRIBUIÇÃO À
INDÚSTRIA CRIATIVA



IV SICCAL

[GT 5 - CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA]

Lindrielli Rocha Lemos
Universidade Positivo (UP)

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Este artigo busca apresentar como cabeleireiros étnicos e trançistas usam a criatividade para elaborar a trança afro de modo a utilizar esse saber e novas narrativas como forma de afroempreendedorismo na indústria criativa. Para isso, optou-se por entrevista com a profissional conhecida como Deby Tranças, de Curitiba. A essa entrevista, somou-se observação em campo do trabalho que desenvolve unindo o saber tradicional com elementos atuais – como os novos materiais e cores, por exemplo – para elaborar as tranças. Entre diversas referências, partiu-se da concepção de indústria criativa abordada pelo Relatório de Economia da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, 2012), uma vez que as tranças afro são um patrimônio imaterial e “utilizam criatividade e capital intelectual como insumos primários”. Com base em Joice Berth (2018), que conceitua empoderamento como instrumento de luta social, verifica-se que as novas narrativas empregadas vão ao encontro desse conceito, e configuram-se, assim, em contribuição relevante do afroempreendedorismo à indústria criativa.

Palavras-chave: Afroempreendedorismo. Indústria criativa. Tranças afro. Empoderamento.

This article seeks to present how ethnic hairdressers and trançists use creativity to elaborate the Afro braid so as to use this knowledge and new narratives as a form of afroentrepreneurship in the creative industry. For this, we opted for interview with the professional known as Debby braids, from Curitiba. In this interview, observation was added in the field of the work that develops by uniting traditional knowledge with current elements – such as new materials and colors, for example – To elaborate the braids. Among several references, the concept of creative industry addressed by the report of economy of the United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD, 2010), since braids afro are an intangible heritage and “use creativity and intellectual capital as primary inputs”. Based on Joice Berth (2018), which conceptualizes empowerment as an instrument of social struggle, turns out that the new narratives employed to meet this concept, and thus constitute a relevant contribution from afroentrepreneurship to the industry Creative.

Keywords: Afroentrepreneurship. Creative industry. Afro braids. Empowerment.

Este artículo trata de presentar cómo los peluqueros y trançistas étnicos utilizan la creatividad para elaborar la trenza afro con el fin de utilizar este conocimiento y nuevas narrativas como una forma de afroemprendimiento en la industria creativa. Para ello, hemos optado por una entrevista con el profesional conocido como trenzas Debby, de Curitiba. En esta entrevista, se añadió la observación en el campo del trabajo que se desarrolla uniendo los conocimientos tradicionales con elementos actuales – tales como nuevos materiales y colores, por ejemplo – para elaborar las trenzas. Entre varias referencias, el concepto de industria creativa fue discutido por el informe de economía de la Conferencia de las Naciones Unidas sobre comercio y desarrollo (UNCTAD, 2010), ya que las trenzas afro son un patrimonio inmaterial y “uso Creatividad y capital intelectual como insumos primarios”. Basado en Joice Berth (2018), que conceptualiza el empoderamiento como un instrumento de lucha social, se verifica que las nuevas narrativas empleadas cumplan este concepto, y por lo tanto constituyen una contribución relevante del afroemprendimiento a la industria Creativo.

Palabras clave: Afroemprendimiento. Industria creativa. Trenzas afro. Empoderamiento

Introdução

As tranças afro são consideradas na cultura negra como patrimônio imaterial, embora oficialmente esse título ainda não lhe tenha sido conferido. A elaboração das tranças afro carrega um saber tradicional e o uso das tranças representa uma cultura.

O uso das tranças reflete a percepção social a respeito da cultura negra, sobretudo em Curitiba (local do objeto de estudo deste artigo), uma cidade do sul do Brasil, onde o estereótipo é o de uma população branca predominante. Embora praticamente 20% da população de Curitiba se considere negra ou parda, a história da presença negra na cidade é pouco documentada, conforme informa Agência de Notícias da Prefeitura de Curitiba (2013):

Quase um quinto da população de Curitiba se declara parda (16,9%) e 2,8% são pretos. Os dados são do Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pouco documentada, a história da presença negra na cidade, que este ano completou 320 anos, tem de ser contada ao contrário da cronologia. (Agência de Notícias da Prefeitura de Curitiba, 2013)

O uso das tranças é até percebido pela população branca, entretanto não é valorizado ou reconhecido como valor simbólico. Porém, cada vez mais as tranças afro têm sido usadas a partir desse símbolo, reconhecida com algo de valor, um patrimônio imaterial, pela população negra. Isso é percebido na rua, no ciberespaço... A produção de conteúdo na internet, por sinal, não é centralizada em uma única rede, mas nesse espaço, de modo geral, é possível

encontrar criadores de conteúdo, intelectuais e artistas falando sobre negritude; neste caso, falando e/ou usando a trança afro. Como a própria Deby (Débora Pereira), uma referência de militância negra e de trancista profissional na capital paranaense (cujo caso é o objeto de estudo neste artigo e sobre quem se falará mais adiante); Nataly Neri, cientista social em formação (como ela mesma se denomina) que aborda com propriedade a questão do cabelo afro, da trança afro; Rosa Luz, artista, mulher trans que usa trança afro; Djamila Ribeiro, filósofa, ativista no movimento feminista negro, também usa tranças afro. Em uma breve pesquisa no YouTube, a busca pelo nome “trança afro” apresenta como resultados vários vídeos de pessoas explicando o significado das tranças afro, como fazê-las, como cuidar e afins. Além de existir bastante conteúdo em blogues, sites e redes sociais, na TV também é possível ver mulheres negras usando tranças afro, tais como Taís Araújo, Iza, Karol Conká, Juliana Alves, Ludmilla, Monique Evelle, e as já citadas Djamila Ribeiro, Nataly Neri e Rosa Luz. Esse conjunto de representatividade - conteúdo sobre tranças afro (como, onde, por que) e imagem (mulheres usando tranças afro) - contribui para o reconhecimento e afirmação de valor simbólico e de patrimônio imaterial das tranças afro.

É possível perceber um movimento de pessoas que buscam conhecer ou reafirmar sua negritude e o cabelo faz parte desse processo, principalmente para mulheres negras. Assumir o cabelo cacheado, crespo, com algum tipo de penteado ou adereço no cabelo que remeta a negritude ainda é, infelizmente, algo estigmatizado. Entretanto, a procura por cabelos afro vem crescendo:

Em julho de 2017, uma pesquisa realizada pelo Google BrandLab mostrou que, pela primeira vez no Brasil, houve maior número de buscas no Google por cabelos cacheados em comparação a lisos. Os dados mostraram um crescimento de 232% na busca por cabelos cacheados entre 2016 e 2017 e um crescimento de 309% por cabelos afro. (ONU, 2018)

A difusão do significado da tranças afro é resultado do trabalho do movimento negro de combate ao racismo de todas as ordens, em todas as esferas, conseqüentemente esse trabalho também diz respeito sobre quebrar o estigma das tranças afro, que são usadas por gerações muito antigas à nossa, quando o cabelo possuía um forte significado social para os povos africanos, o que foi perpetuado pelos negros escravizados no Brasil. O que vem acontecendo nos últimos anos é a valorização desses significados, o resgate como forma de pertencimento, reconhecimento, homenagem aos nossos antepassados.

A respeito das tranças afro, Nery (2015) levanta uma reflexão a respeito de identidade. A cientista social e *youtuber* ressalta que usar as tranças afro em sociedade racista e eurocêntrica, como a sociedade brasileira, é uma maneira de incentivar o processo de construção identitária da pessoa negra. A respeito de identidade, ao falar do sujeito na concepção sociológica, Hall (2006) diz:

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos

sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. (HALL, 2006, p. 11 e 12)

Por isso, destacamos o uso da trança afro como integrante do combate ao racismo, mas também como uma maneira da pessoa negra – que muitas vezes teve furtado o direito de acesso da sua própria negritude – construir sua identidade, acessar a história que lhe foi furtada. A difusão e valoração dos significados de elementos afro no Brasil, além de necessário pelo contexto histórico-social, como é sabido, também contribui no processo de empoderamento das pessoas negras.

Nesse cenário, os profissionais trançistas usam a criatividade para elaborar a trança afro, unindo o saber tradicional com elementos atuais, como novos materiais e cores para elaborar as tranças. A trança afro não é mais usada como usavam nossos antepassados, como forma de identificar tribos, estado civil ou condição emocional, indicar caminhos de fuga, porém criam novas narrativas e usufruem desse saber como forma gerar valor financeiro. O uso do patrimônio material – as tranças afro – como atividade geradora de renda integra o afroempreendedorismo, que por sua vez movimenta a indústria criativa.

Num contexto em que a população negra, após a abolição da escravatura no Brasil, não foi incluída social e economicamente, o afroempreendedorismo também surge para isso: incluir, nomear, pensar projetos de acesso e estruturas de trabalho para a população negra. O afroempreendedorismo considera principalmente o desenvolvimento social e econômico, justamente porque a população negra em geral sempre

esteve marginalizada, fora do círculo econômico formal, segundo afirma Santos (2001, p. 73): “Essa produção maciça da pobreza aparece como um fenômeno banal (...) Mas é uma pobreza produzida politicamente.” Romper essa barreira, reconhecer e incentivar o afroempreendedorismo é uma maneira de formalizar o protagonismo, a criatividade e o trabalho da população negra.

Conforme diz Gomes (2011),

no nível da comunidade negra, saberes sobre a estética negra ou afro-brasileira foram sendo construídos, aprendidos, resignificados e socializados. Esses saberes estão presentes em toda a sociedade, mesmo que não sejam reconhecidos como tais, e participam da tensão histórica regulação-emancipação social. (GOMES, 2011, p. 50)

Diante dos pontos apresentados até o momento a respeito do uso da trança afro, a construção da identidade e o contexto socioeconômico da população negra no Brasil, o presente artigo tem o objetivo de entender a trajetória do afroempreendedor e sua contribuição à indústria criativa. Para tanto, foi estudado o caso de Deby Tranças, salão para cabelo afro, em Curitiba. Foram empregadas duas metodologias: entrevista e observação. A seguir, discutiremos sobre entendimentos adotados neste artigo para conceitos que permearam esta pesquisa.

Conceitos

Neste presente artigo, observamos que o patrimônio cultural afro-brasileiro

sofreu massiva exclusão do que se entedia por patrimônio, bens a serem preservados e lembrados. A respeito do patrimônio cultural afro-brasileiro, Zubaran (2015) destacou que com frequência o significado de patrimônio no Brasil era atribuído a edificações excepcionais, vinculadas às elites, e os grupos considerados inferiores, subalternos, tinham seus patrimônios preteridos. Segundo autora, o ocultamento do patrimônio cultural afro-brasileiro prejudicou a construção das identidades afro-brasileiras.

Essa estrutura social de exclusão e silenciamento de pessoas negras que trabalha no embranquecimento e/ou no ocultamento da população pode ser percebida também na baixa oferta de produtos para as características estéticas da pessoa negra, como cremes para cabelo crespo e cacheado, maquiagem com os tons escuros, acessórios para tranças afro, *twits* e *dreads*, como anéis de cabelo e afins. Até pouquíssimo tempo a ideia de nude, de “cor de pele”, era o bege claro (branco). Atualmente, apesar da pequena e recente mudança nesse cenário de representatividade, de acordo com uma pesquisa de 2013 do Instituto Data Popular (CARTA CAPITAL, 2015) sobre os consumidores negros, constatou-se que existe demanda crescente, porém uma oferta insuficiente de produtos e serviços para atender o perfil de um novo consumidor negro. Por isso, entendemos, o afroempreendedorismo para além de uma visão mercadológica, simplista onde há somente o intuito de compra e venda.

O afroempreendedorismo diz respeito sobre todos os produtos e serviços criados por pessoas negras, para pessoas negras ou não, e pode atuar junto com o conceito de empoderamento abordado por Joice Beth, o qual, segundo a autora, apesar

de ser um conceito tratado de maneira distorcida, o empoderamento serve como um instrumento importante nas lutas emancipatórias de minorias sociais, sobretudo de cunho racial e de gênero (BERTH, 2018). O empoderamento não se trata de uma narrativa autocentrada, ao contrário, é sobre coletividade. Ou seja “vencer” sozinho algumas barreiras de opressão, mas continuar perpetuando opressão para alimentar uma trajetória individual não é empoderamento. Berth aborda empoderamento como um conjunto de estratégias antirracistas, antissexistas e anticapitalistas, mais uma vez: é sobre coletividade. Dito isso, entendemos o afroempreendedorismo como uma das maneiras de empoderamento da população negra. Ainda Berth (2018, p. 58), ao abordar afroempreendedorismo, diz que se trata de uma “reversão estratégica do significado de poder, sobretudo se for pautada pelo fortalecimento de toda comunidade/população negra”. No contexto atual, é importante compreender o afroempreendedorismo como uma maneira de participação criativa, econômica e social da população negra.

Neste artigo observamos o trabalho da trancista Deby e como se desenvolve o uso da criatividade no desenvolvimento do seu trabalho com tranças afro, em Curitiba. O uso da criatividade é um elemento importante para exercer um trabalho que perpetua um patrimônio imaterial, entretanto tão discriminado socialmente; o uso da criatividade é uma das bases do conceito “indústria criativa”:

As indústrias criativas são definidas como um conjunto de produtos baseados em conhecimento, com conteúdo criativo, valor cultural e econômico e objetivos de

mercado. Abrangem o ciclo de criação, produção e distribuição de produtos e serviços que utilizam criatividade e capital intelectual como insumos primários. (UNCTAD, 2012, p. 256)

O uso da criatividade pela população negra para manter ou criar trabalhos, formas de gerar renda, muitas vezes é justificada devido às dificuldades, marginalização histórica dessa população. Podemos observar isso nos empregos precários, subalternos, majoritariamente assumidos por pessoas negras. Neste contexto *empreender* já era uma condição existente antes da popularização do termo. Entretanto, a criatividade do negro não existe ou só existirá se ele viver em condições precárias e de exclusão. É necessário educação, capacitação e direitos para os trabalhadores negros em geral e neste caso, para as trancistas, para que se apropriem de ferramentas de negócios e que o seu conhecimento e saber sejam mais valorizados para assim conseguirem melhores condições sociais e econômicas, fora da informalidade. Com diz Juninho (2017), “É natural que a população que tenha a maior vulnerabilidade, que tenha a maior dificuldade de empregabilidade, ela busque formas alternativas e hoje ditas empreendedoras para poder buscar a sua sobrevivência dentro da estrutura social capitalista”¹.

O trabalho da trancista, da pessoa que elabora as tranças afro, enfrenta, além do racismo, a não legitimação por ser tratar de um trabalho artesanal, manual, como se

¹ Joselicio Junior, conhecido como Juninho é jornalista, militante no movimento negro no Círculo Palmirino, e presidente estadual do Partido Socialismo e Liberdade (Psol) em São Paulo.

isso estivesse diretamente ligado a falta de conhecimento, conforme constata Arantes (1981):

Nas sociedades industriais, sobretudo nas capitalistas, o trabalho manual e o trabalho intelectual são pensados e vivenciados como realidades profundamente distintas uma da outra. (...) Tudo se passa como se “fazer” fosse um ato naturalmente dissociado de “saber”. Essa dissociação entre “fazer” e “saber”, embora a rigor falsa, é básica para a manutenção das classes sociais pois ela justifica que uns tenham poder sobre o labor de outros.” (ARANTES, 1981, p. 13 e 14)

A maneira como o saber tradicional vem sendo manuseado a fim de também adaptar-se às preferências estéticas de hoje, cria a partir disso um novo repertório de técnicas, cores e discursos para tranças feitas na contemporaneidade. A tranças afro são um penteado protetor, geralmente feitas a partir do próprio cabelo junto com algum material, como fibra sintética para ganhar mais espessura e comprimento. Estas são: tranças rasta ou nagô (tranças de raiz), entrelace ou *crochet braids* (tranças soltas costuradas na trança de raiz), *box braids* (tranças soltas), que são feitas com materiais como cabelo natural, kanekalon ou jumbo (fibras sintéticas), lã, linhas para artesanato em geral. As diversas cores para trançar o cabelo também estão sendo cada vez mais usadas, às vezes mais de três cores na mesma cabeça.

Os tipos de tranças, penteados e cores da trança afro não são padrão, são diversificadas e variam de nome, material e cores dependendo da região do país. O tipo de trança afro mais usado e conhecido atualmente são as *box braids*. Esse tipo de

trança, antigamente era mais conhecido como trança africana ou trança *rastafari*.

Por sua vez, sobre o trabalho da trançista, o entendemos como criativo, uma vez que ela usa o saber tradicional para atender as demandas culturais, estéticas das pessoas negras, o que vai ao encontro das características da indústria criativa dadas por Unctad (2012):

O recurso essencial das indústrias criativas, que relaciona os conhecimentos tradicionais de um lado da cadeia de valor ao consumidor final na outra extremidade, é a sua capacidade de servir os objetivos culturais e econômicos do processo de desenvolvimento (UNCTAD, 2012, p. 38)

O trabalho da trançista passa a ter valor comercial quando é percebido para além do círculo familiar – considerando que o saber de trançar é conhecido, aprendido e feito em casa, logo na infância. Existem pessoas que também têm a mesma procura por elementos simbólicos que as representem e as permitam arrumar os fios sem abrir mão da estrutura dos fios. Porém, as tranças afro não existem simplesmente como uma “demanda de mercado” – elas não entram na lista de modismos de procedimentos capilares. As tranças afro são um dos elementos que compõem uma estética política negra. Gomes (2011), ao abordar saberes estéticos/corpóreos, fala a respeito da expressão da identidade negra por meio da corporeidade (isso pode ser entendido como uma estratégia de emancipação do movimento negro; p. 54) e as tensões nesse processo. Sobre isso a autora diz:

é possível observar que a partir do ano 2000 há uma politização da estética negra,

via afirmação da corporeidade [...] O corpo negro e sua corporeidade se destacam na cena pública em meio a um processo tenso e ambíguo. Assistimos a uma maior presença de negros na mídia, porém, ainda acompanhada da denúncia feita pelo movimento negro referente ao persistente lugar de subalternidade. Surgem propagandas e peças publicitárias que adotam o negro como personagem central, porém, ainda com estereótipos. Há uma visualização e maior uso de penteados no estilo “black power estilizado”, do uso de dreads por jovens brancos da classe média, maior adesão ao uso das tranças pelas mulheres negras e brancas jovens e uma maior exposição do corpo negro nos eventos culturais. São processos de mudanças e de visibilidade da corporeidade negra em meio às tensões regulação-emancipação do corpo. (GOMES, 2011, p. 48)

Mesmo que atualmente a elaboração da trança afro seja comercializada, percebemos que ela está distante de estar inserida na lista de serviços dos salões em geral. Pessoas brancas conseguem ir tranquilamente em qualquer salão e realizar procedimentos que desejam, entretanto, o mesmo não ocorre quando se trata do cabelo das pessoas negras, sobretudo da mulher negra, seja para fazer a trança afro ou não. Por isso, o trabalho do afroempreendedor possui características próprias, mesmo que o seu produto final não seja exclusivamente para pessoas negras, os afroempreendedores não negam a sua negritude, fomentam debates sobre a questão racial e pensam projetos para inclusão socioeconômica da população negra.

O afro-empreendedorismo, além de carregar esse aspecto do empreendedorismo, também contém em sua essência uma

ideologia e como proposta um engajamento que alcança o público, e que reafirma sua raiz. Outro fator interessante, é que ele serve como canal para gerar discussões sobre assuntos de extrema relevância como a inserção social, o racismo e o empoderamento. (MATHIAS, 2016)

Após estabelecidos os conceitos que norteiam o afroempreendedorismo, saber tradicional, empoderamento e indústria criativa vamos apresentar como se desenvolve o trabalho da trançista Débora Pereira (Deby) em seu salão Deby Tranças, em Curitiba.

O trabalho afroempreendedor no deby tranças

Este artigo observou a atividade afroempreendedora de Deby (Débora Pereira), mulher, 31 anos, mãe, trançista, militante no movimento negro e segundo a própria Deby “100% ProUni”². Deby atende em salão próprio, o Deby Tranças. O salão está localizado no Centro de Curitiba, na rua Riachuelo, 102, Galeria Heisler. Uma região turística e de grande fluxo de pessoas.

O salão Deby tranças existe há seis anos, é de pequeno porte, com duas funcionárias

2 Uma referência ao programa do governo federal que concede bolsas de estudo superior em faculdades particulares a estudantes de famílias de baixa renda, e que democratizou o acesso à universidade no Brasil. O programa foi criado em 2005, concebido por Fernando Haddad, na época Ministro da Educação, no governo Lula.

(além da própria Deby), e atende duas pessoas por vez. Antes de ter o espaço, Deby fazia atendimento a domicílio ou atendia em casa. Era MEI [acrônimo para microempreendedor individual] e apenas recentemente, no último mês, se tornou microempresa.

Deby conta que capacitou todas as pessoas que já trabalharam com ela. Atualmente tem duas funcionárias, Malvina, uma senhora negra, com bastante experiência na área de beleza, e Pamela, que não sabia trançar e nunca havia tido experiência na área. Deby ensinou o saber da trança afro para esta funcionária, também negra. A outra funcionária, Malvina, diz que foi para o salão da Deby por ser um ambiente com mais qualidade para saúde. Segundo a ela, “Deby não trabalha com química”. Deby tem dois filhos, uma de 9 e um outro de 8 meses – o bebê é quem fica diariamente no salão e é cuidado por todas.

O trabalho da Deby também se apresenta de forma coletiva. Ela detém o saber de fazer a trança, mas é necessário que as outras pessoas que trabalham com ela também aprendam, se desenvolvam. A entrevista foi realizada no dia 28 de setembro de 2018 e no dia 10 de novembro realizei observação in loco, no salão da Deby.

Na minha primeira visita ao salão da Deby, havia duas clientes fazendo tranças afros do tipo *box braids*. Enquanto a Deby conversava comigo, ela realizava o seu trabalho.

Deby relatou que queria aprender a trançar para poder cuidar do próprio cabelo. “A busca pela minha autoestima me levou aos trançados”, relatou. Deby trabalha com tranças há 12 anos, desde os 19. Aprendeu a trançar com uma tia, negra. Conta que não

tinha referência para arrumar o próprio cabelo e que a sua mãe é branca e não sabia cuidar do cabelo da filha.

No início da carreira como trancista, aos 19 anos, após ter aprendido a trançar com a tia, fez um curso para aprimorar o conhecimento em trançado. A mãe de Deby era catadora de papelão e estava doente. Deby contou que, como já sabia trançar, esse conhecimento poderia se transformar em oportunidade de obter renda, e a partir disso começou a trabalhar antedendo a domicílio. Ao longo desses anos vem aprimorando as técnicas de trançado e ensinando várias outras pessoas a trançar. Tanto que, enquanto Deby trançava o cabelo de uma cliente e conversava comigo, outra trancista pediu orientação no trabalho com as tranças em outra cliente.

Após dois anos trabalhando, Deby foi estudar, incentivada pelo Movimento Negro, que a orientava dizendo que ela não deveria apenas trabalhar e estudar era também necessário. “Sou 100% ProUni”. Se formou em Serviço Social. Nesses últimos 12 anos de trabalho como trancista, Deby relata que é possível perceber a mudança na vida própria vida e na das clientes. Antes a conversa entre ela e as clientes era apenas de ordem doméstica, “vivências pessoais, sem muito aprofundamento”, relata. “Hoje eu graduada, as clientes são mestrandas, doutorandas. Nossa linguagem mudou. Rolam altos debates aqui no salão”.

Deby fez um curso de relaxamento permanente para cabelos, mas não gostou da experiência e não exerce essa prática nos cabelos das clientes. Deby relatou que a prática de alisar cabelos vai contra um ideal que ela já tinha, de trabalhar em prol

da autoestima de mulher negra, sem alterar a estrutura capilar. “Uma voz ancestral me dizia que cabelo liso não era pra mim”, se referindo à prática de alisar cabelo e lembrando do início, quando aprendeu a trançar para cuidar do próprio cabelo.

O compartilhamento da técnica e a construção da memória no ato de elaboração das tranças fazem parte do processo de compartilhamento do saber tradicional. Além de valorizar o “fazer”, que comumente não é associado ao “saber”, nesse aspecto o trabalho da trancista pode parecer inferior, estritamente “braçal”, que não exige reflexão, pesquisa, criatividade, intelecto, por meio do discurso empregado, que apresenta a trança como um meio de conhecimento

da própria negritude e revela a importância da coletividade. A funcionária Malvina conta que antes de trabalhar com a Deby achava que não existiam negros perto dela – trazendo a questão do negro como uma pessoa longe, um estrangeiro, alguém que está em outro continente e o negro apenas como pessoa de pele escura, retinta – mas conta que os debates no salão, as memórias e vivências depois de começar a trabalhar no salão a fizeram perceber que existem negros em todos os cantos.

Na figura 1 é possível observar Deby e Malvina trabalhando juntas. Deby dividindo o cabelo da cliente, e Malvina separando as mechas de jumbo para o trançado, enquanto as três conversavam.

[Figura 1]
Malvina e Deby no Salão Deby Tranças, em Curitiba



No salão de beleza da Deby, conforme se pode observar mais adiante nas figuras 2, 3 e 4 há em todos os cantos referências estéticas políticas da cultura negra, como bonecas negras; brincos de tecidos étnicos,

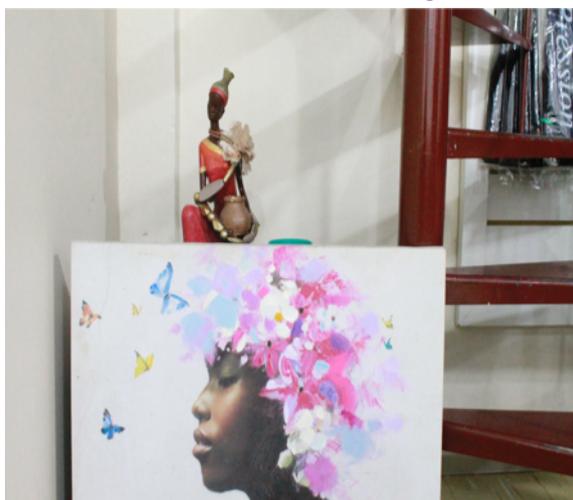
com imagens de cabelo *black power*, mapa do continente africano; quadros e fotos de mulheres negras. A música que toca no salão da Deby pode ser comparada com canções antigas, cantadas coletivamente no

momento de trançar, mas hoje acessadas pelo YouTube, são músicas de artistas como Iza, Criolo, Emicida, Beyonce, Rihanna. Negros e conscientes de sua negritude, tais artistas também assumem a estética negra, se posicionam como negros e a maioria desses artistas já usou tranças afro – atuam como reforço ao discurso de empoderamento difundido por Deby.

[Figura 2]
Acessórios com referências afro, LGBT e antirracistas



[Figura 3]
Quadros e escultura que valorizam a mulher negra



[Figura 4]
Bonecas de pano negras



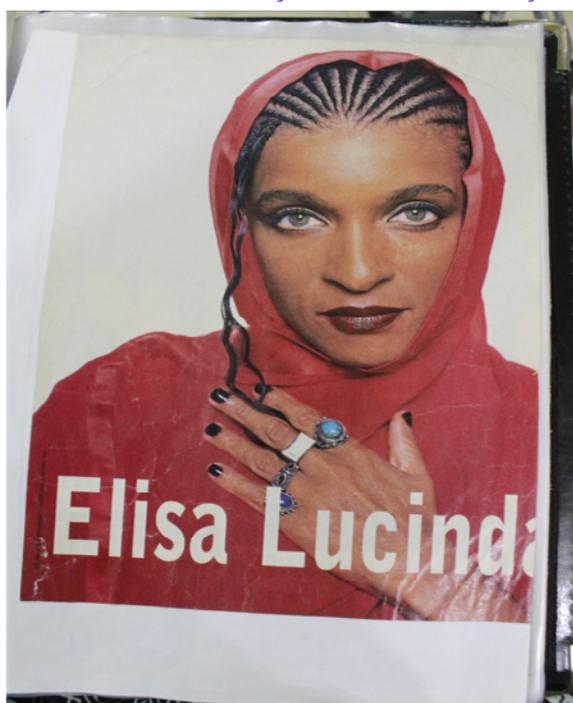
A cabeleireira Deby também trança o cabelo de pessoas não negras, já que ofício de trançar é sua única renda, e relata que sente a obrigação de explicar para a cliente que a trança afro é muito mais do que um simples penteado, e explica o significado da trança, fala sobre história dos negros escravizados no Brasil, cultura negra, racismo. “Acho que este espaço e o momento são adequados”. O espaço físico do salão de beleza afro da Deby somado ao seu posicionamento político social, discurso verbal e não verbal fazem desse espaço um lugar de empoderamento coletivo, que visa a romper com o sistema de silenciamento de pessoas negras e educa todos que por ali passam. Silva (2018) explica que Peter Fry (2007), ao estudar salões de beleza localizados em bairros populares do Rio de Janeiro, constata que esses estabelecimentos atuam como espaços importantes na aprendizagem sobre cultura negra, resistência e estética, espaço de fortalecimento de identidade:

[...] o autor argumenta que estes espaços atuariam como “centros culturais”

na formação de uma identidade negra. Assim, a afirmação identitária por meio da estética fortaleceria o uso da categoria negra/negro, contribuindo para legitimar uma taxonomia racial bipolar – brancos e negros –, de modo que o consumo estético se constituiria em um mecanismo político de grande importância para a luta contra a discriminação. (SILVA, 2018, p. 17)

Na figura 5 um recorte da Revista Raça, presente da pasta de referências de penteados afro do Salão Deby Tranças. Elisa Lucinda, artista e intelectual, é uma referência para Deby e essa referência é compartilhada com as clientes do salão. Isso resgata o conceito de empoderamento no sentido coletivo tratado por Joice Berth, pois evoca de mulheres negras anteriores a nós, que abriram o caminho para outras mulheres negras.

[Figura 5]
Recorte de revista usada como referência de trança afro. Revista Raça



A respeito dos materiais, mais especificamente sobre as fibras para elaborar as trança afro, Deby explicou que a frase “cabelo de boneca” para se referir aos cabelos trançados não é à toa. Trancistas anteriores a ela usavam cabelo de boneca, literalmente, para desenvolver as tranças. O material era comprado em lojas de aviamento. Esse material era muito brilhoso e liso, gerando um aspecto não natural a trança, pois de distanciava muito do cabelo natural. Quando Deby começou a trançar, o material utilizado era o kanekalon, uma fibra sintética de fabricação japonesa mais próxima do natural em relação ao “cabelo de boneca”, usado pelas trancistas mais antigas, porém é uma fibra pesada, esse fator prejudica, por exemplo, quem está com cabelo fragilizado, o peso também pode incomodar e essa fibra demora mais para secar. Atualmente, a Deby usa jumbo, conforme pode se observar na figura 6, segundo ela por ser mais leve e dar um melhor resultado, mais leve e mais natural.

[Figura 6]
Jumbos coloridas e monocromáticas



Observei em pesquisas feitas pela internet, que a lã também é um material bastante usado na de compor as tranças, a lã se apresenta como uma alternativa mais em conta financeiramente e com grande variedade de cores, mas Deby relatou que as clientes curitibanas não são muito adeptas a lã. Devido ao clima frio da cidade, a lã demora muito mais para secar, além das clientes curitibanas serem, em geral, mais monocromáticas, pouco adeptas a cores nas tranças.

Deby constantemente afirma que a busca pela autoestima a levou para os trançados. Explica que com a militância no movimento negro entendeu que as características fenotípicas da mulher negra – e, neste caso o cabelo – faz com a menina negra desde a infância sofra com baixa auto estima, auto ódio, vergonha do seu próprio cabelo. Então, a trança afro foi uma maneira de cuidar do próprio cabelo sem recorrer ao alisamento dos fios e procedimentos semelhantes.

Durante o processo de observação tivemos contato com declarações de clientes relatando a trança afro como um meio mais aceitável que o próprio cabelo. Segue o trecho de uma situação relatada: “No dia que eu precisava tirar as tranças, eu pegava o primeiro ônibus, cedo, ia para o salão e só tirava as trança no salão para que ninguém, nem meu namorado vissem o meu cabelo natural. É recomendável passar alguns dias sem tranças antes de fazer novamente, mas eu tirava e refazia imediatamente. A trança era uma prisão. Hoje eu entendo que não, que eu posso usar meu cabelo solto e natural.” Essa declaração pode ser entendida como mais uma artimanha da estrutura racista, como se esta se apropriasse de um

elemento importante da cultura negra para subjugar a mulher negra.

Vale ressaltar que o salão de beleza nem sempre foi um espaço que acolheu meninas e mulheres negras, a falta de cuidado e paciência para desembaraçar o cabelo crespo e cacheado, o uso de força para esticar o cabelo na tentativa de “domar” os fios, comentários racistas e maldosos também ferem a autoestima de menina e mulher negra, contribuindo fortemente na construção de uma autoimagem negativa. Na figura 7, vê se Malvina trançando o cabelo de uma cliente, com cuidado em um ambiente que eleva a autoestima da pessoa negra, com elogios mas também com conhecimento sobre a própria história.

Sobre o uso da criatividade, Deby relata que “nesse contexto é fundamental para continuar evoluindo o seu saber também como negócio.” Deby destacou que “cada cabeça é uma sentença” para se referir aos diversos tipos de cabelo que passam por ela, não apenas de estrutura: crespo, cacheado, liso, mas do estado como o cabelo chega até ela. Às vezes o cabelo está danificado devido a algum processo químico, muito curto devido ao *big chopp*³, fragilizado e afins. Deby aprendeu diversas técnicas no decorrer dos anos; e relata que aquilo que aprendeu formalmente é válido. Apesar de não ser aplicável em todos os casos, serviu de base para o desenvolvimento de técnicas

3 Big chop ou o grande corte é o nome para o corte que tem como objetivo tirar toda a parte com química do cabelo. Depois de anos alisando ou relaxando os cabelos, as mulheres que querem voltar ao seu cabelo natural, crespo ou cacheado, interrompem os procedimentos alisantes e após alguns meses fazem o “grande corte” removendo assim a parte do cabelo antiga, com química, e deixando apenas a parte crescida, natural.

próprias de trançado. Conforme o “Relatório de economia criativa de 2010”, a respeito do saber tradicional “como qualquer tipo

de conhecimento, ele não é estático, e sim constantemente reinterpretado e adaptado a novos formatos” (UNCTAD, 2012, p 38).

[Figura 7]

Elaboração da trança afro do tipo box braids no Salão Deby Trança



O afroempreendedorismo requer criatividade, estudo, coletividade. Deby foi MEI durante seis anos, e, no momento da observação/entrevista, fazia um mês que se havia se tornado Simples Nacional. Antes de se tornar Simples Nacional, para aprimorar e investir em seu negócio, Deby fez um curso de plano de negócios, recebeu orientação do Sebrae (instituição de apoio a micro e pequenos empreendimentos), foi ao banco pedir crédito para investimento para montar seu salão. Relatou que só conseguiu alugar o ponto com ajuda de uma cliente, porque ela não tinha bens para comprovar crédito. Apesar do esforço, revelou uma frustração, ao perceber, como ela frisou, que “para fazer dinheiro era necessário ter dinheiro”. Deby diz existir uma ausência de interesse em acreditarem no seu negócio; ela atribui ao fato de o

negócio empreendido ser de uma mulher negra, destinado majoritariamente para pessoas negras, além de ser um trabalho artesanal. Essa ausência de interesse é descrito nas palavras da Deby como uma “intenção proposital em deixar as pessoas como a gente na informalidade”. Durante o encontro “Desvendando os Códigos do Afro-Empreendedorismo”, promovido pelo Instituto Feira Preta e Black Codes, Eugene Cornelius Junior, chefe do escritório internacional da SBA nos Estados Unidos (entidade que oferece apoio para as pequenas e médias empresas, equivalente ao Sebrae), disse que o empreendedor negro tem o seu pedido de crédito negado três vezes mais do que o empreendedor branco.

Não é possível falar em afroempreendedorismo sem pensar em mudança de

estrutura social. Os produtos e serviços criados por pessoas negras têm muito potencial, nesse trabalho especificamente, o serviço de trançado deve ser valorizado porque gera renda, contribui no movimento da economia, mas sobretudo colabora autonomia financeira da população negra.

Assim, a transformação dos conhecimentos tradicionais em produtos e serviços criativos reflete os valores culturais de um país e de seu povo. Ao mesmo tempo, esses produtos também têm um potencial econômico (...) (UNCTAD, 2012, p. 38)

Ao nos depararmos com a trajetória rumo à busca por uma renda, percebemos o quanto a população negra sofre com a precarização do trabalho e falta de acesso a meios de se inseridos formalmente no mercado de trabalho. Nesse contexto, o afroempreendedorismo não é um caminho novo, ao contrário, é algo realizado constantemente pela população negra. Incentivar o afroempreendedorismo é um caminho que leva em consideração o contexto histórico da população negra no Brasil e a partir disso pensa caminhos para fazer o dinheiro circular entre a população negra, por meio da valoração da cultura negra.

Considerações finais

Diante das informações obtidas e constatadas em campo, e correlacionando-as às referências bibliográficas trazidas para esta pesquisa, percebemos que sim, o trabalho da trançista é uma atividade afroempreendedora, um trabalho criativo

não apenas pelo produto final, mas também pela trajetória do indivíduo, no início e desenvolvimento do seu negócio, considerando neste caso o contexto social das pessoas negras no Brasil - uma vez que a criatividade incentiva a cultura e trabalho por meio de uma perspectiva de inclusão cultural, social e econômica e é centrada nas pessoas, conforme ressalta a própria Unctad (2012):

Estimulada de forma adequada, a criatividade incentiva a cultura, infunde um desenvolvimento centrado no ser humano e constitui o ingrediente chave para a criação de trabalho, inovação e comércio, ao mesmo tempo em que contribui para a inclusão social, diversidade cultural e sustentabilidade ambiental. (UNCTAD, 2012, p. 19)

O afroempreendedorismo está alinhado ao conceito de empoderamento de Joice Berth, pois pensa o projeto de crescimento econômico por meio do coletivo, afastando-se da ideia de que para crescer é necessário que outra pessoa seja explorada. Por isso, o termo empoderamento é abordado nesta pesquisa, pois Berth faz uma crítica ao termo, que, segundo a autora, nos dias de hoje está esvaziado, pois tem considerado apenas a esfera individual. A autora trata empoderamento como um instrumento de luta social, que se afasta do debate de empoderamento autocentrado, mas acredita em uma coletividade empoderada.

Há de se deixar muito bem pontuado que, uma vez que se trata de instrumento importante na lutas emancipatórias de minorias sociais, sobretudo de cunho racial e de gênero, não podendo cair na vala comum e seguir permitindo que o

termo padeça de relevância prática e ideológica por meramente cair nas raias do pensamento liberal, servindo assim de sustentação do saber que fatalmente é a raiz da situação que cria a necessidade de haver um processo de empoderamento. (BERTH, 2018, p. 42)

Ainda segundo a autora, uma coletividade empoderada se constrói por meio de indivíduos empoderados. A consciência necessária para analisar as próprias vivências e da pessoa negra no Brasil é trabalhada no espaço da Deby, por meio de constantes discursos (verbais e não verbais). Destaco aqui a fala da funcionária Malvina, senhora, preta retinta: “Antes de trabalhar com a Deby achava que não existiam negros nessa cidade [Curitiba], perto de mim [trazendo a questão do negro como uma pessoa longe, um estrangeiro, alguém que está em outro continente e o negro apenas como pessoa de pele escura] – mas os debates no salão, as vivências depois de começar a trabalhar aqui me fizeram perceber que existem negros em todos os cantos.” Entendemos essa reflexão da Malvina como reflexo da estrutura racista, que tenta nos afastar da nossa própria história e nos convencer, por meio de um constante embranquecimento, que negros são apenas os de pele escura, retinta, logo os outros são ‘morenos, cor de jambo, mulatos moreninho’, nomes que afastam as pessoas da sua própria história, identidade, e fazem com que pessoas de pele mais escura, como a Malvina, se sintam minoria quantitativa num país majoritariamente negro. Logo, a reflexão da Malvina propiciada por meio da convivência com a Deby e outras mulheres que frequentam aquele espaço ofereceu uma perceptiva mais real sobre o que ser negro. O espaço Deby Tranças ideologicamente fomenta o empoderamento.

Acreditamos ser necessário explicitar que a trajetória do afroempreendedor, marcada por dificuldades sociais como racismo e baixo acesso econômico, não pode de forma alguma ser normatizada. O afroempreendedor não pode ser romantizado “porque superou as barreiras”, não nesse sentido meritocrático, entretanto existir um sistema que continue alimentando a exclusão da população negra. Pois o afroempreendedorismo tem como norteador uma visão coletiva, empoderadora e emancipatória. Uma vez que estamos inseridos numa sistema capitalista, é difícil não pensar em como sustentar um afroempreendedorismo sem reproduzir a opressão capitalista.

O caminho para acreditar que afroempreendedorismo é autocentrado e o capitalismo seria libertário, porque oferece oportunidade de ascensão econômica a um indivíduo, parecer é uma lógica ilusória, e acreditar nisso seria cair no mito do empreendedor meritocrático, esvaziar o debate. O conceito de afroempreendedorismo não se apresenta nos moldes de empreendedorismo meritocrático, mas é coletivo, empoderador e emancipatório. O trabalho de Deby apresenta isso, é feito e pensado por pessoas negras, e visa a melhoria de vida das funcionárias, não apenas economicamente mas trabalha a consciência sobre a negritude e o contexto social da população negra.

O trabalho de trançista e o de militante de Deby se cruzam e alcançam as clientes negras ou não, e atravessam o espaço físico. Observando a atuação dos afroempreendedores e neste caso a Deby, percebemos que o afroempreendedorismo não se afasta de uma militância. Então, o afroempreendedorismo, a partir da

realidade atual, contribuiria para a inclusão social e, apesar de estar inserido num sistema capitalista, pode ser visto e incentivado como uma maneira de reparação histórica, inclusão econômica, tendo em vista que a classe trabalhadora negra foi e ainda é destratada e precarizada no país. Entretanto, o afroempreendedorismo sozinho não é, de forma alguma, capaz de mudar a situação da população negra no Brasil. Ele é pode ser um instrumento, não é a solução. É importante deixar registrado que não acreditamos em uma real inclusão da população negra apenas por meio de uma política econômica.

Considerando que o afroempreendedorismo se trata de uma atividade já existente, este artigo apresenta a trajetória da atividade afroempreendedora e como utilizá-la a favor das pessoas negras, como estratégia de reversão do poder – o qual é dado apenas para pessoas brancas –, inclusão econômica e valorização da cultura negra. Podemos pensar no conceito Ubuntu, o provérbio zulu diz respeito sobre o desenvolvimento do ser humano não ser individual; ao contrário, é coletivo: “*umuntu ngumuntu ngabantu*”, que significa “uma pessoa é uma pessoa por meio de outras pessoas.” ■

[LINDRIELLI ROCHA LEMOS]

Bacharel em Marketing pela

Universidade Positivo (2018).

E-mail: lindriellirocha@gmail.com

Referências

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DA PREFEITURA DE CURITIBA. **19,7% da população de Curitiba são negros ou pardos**. 2013. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/197-da-populacao-de-curitiba-sao-negros-ou-pardos/31360>>. Acesso em: 09 dez. 2018.

AUGUSTO, Antônio. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BERTH, Joice. **'Empoderamento é um instrumento de luta social'**. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/empoderamento-instrumento-de-luta-social-joice-berth>>. Acesso em: 20 set. 2018.

BORGES, Pedro. **As faces do empreendedorismo negro**. Alma Preta. 4 mai, 2017. Disponível em: <<https://almapreta.com/editorias/realidade/as-faces-do-empendedorismo-negro>>. Acesso em: 13 out. 2018.

CARTA CAPITAL. **O perfil do empreendedor negro no Brasil**. 2015. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-perfil-do-empendedor-negro-no-brasil/>>. Acesso em: 26 out. 2018.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro. 11^a ed. DP&A, 2006 [1996].

MATHIAS, Lais. **O afro-empendedorismo e as novas perspectivas para o mercado**. Clave de Fá. 27 jul, 2016. Disponível em: <<https://medium.com/clavedefapp/o-afro-empendedorismo-e-as-novas-perspectivas-para-o-mercado-52fe87069bd7>>. Acesso em: 06 set. 2018.

NERI, Nataly. **Dúvidas Sobre Box Braids: Cuidados, Higienização, Estilo, Significados, etc**. 2015. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=yh9zjv2tUu4>>. Acesso em: 01 set. 2018.

ONU. **Uso do cabelo afro é ato político, dizem blogueiras e especialistas em beleza**. 2018. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/uso-do-cabelo-afro-e-ato-politico-dizem-blogueiras-e-especialistas-em-beleza/>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6^a ed. Rio de Janeiro. Record, 2001 [2000].

SILVA, Gleicy Maily Da. **Cultura negra e empreendedorismo: sensibilidades políticas a reivindicações econômicas e o engajamento através do mercado.** Anuário antropológico, Brasília, v. 43, n. 1, jul. 2018. Disponível em: <<http://dan.unb.br/anuarioantropologico-sumarios/172-anuario-antropologico-vol-43-n-1-julho-2018>>. Acesso em: 12 out. 2018.

GOMES, Nilma Lino. **Movimento negro, saberes e a tensão regulação-emancipação do corpo e da corporeidade negra.** Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n. 2, p. 37 – 60. Disponível em: <<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/35>>. Acesso em: 08 out. 2018.

RODRIGUES, Márcia. **Empreendedor negro tem crédito negado 3 vezes mais do que branco no Brasil.** 2017. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/empreendedor-negro-tem-credito-negado-3-vezes-mais-que-branco-no-brasil/>>. Acesso em: 08 set. 2018.

UNCTAD (CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE COMÉRCIO E DESENVOLVIMENTO). **Relatório de economia criativa 2010: economia criativa uma, opção de desenvolvimento** – Brasília: Secretaria da Economia Criativa/Minc; São Paulo: Itaú Cultural, 2012. Disponível em: <https://unctad.org/pt/docs/ditctab20103_pt.pdf>. Acesso em: 04 out 2018.

ZUBARAN, Maria Angélica. **O acervo do jornal O Exemplo (1892-1930): Patrimônio Cultural Afro-Brasileiro.** Revista Memória em Rede, v. 5, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/9396/6088>>. Acesso em: 29 set. 2018.